

PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: SITUAÇÃO ATUAL *RESEARCH IN HISTORY OF EDUCATION CURRENT SITUATION*

Geraldo Inácio Filho *

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é discutir a inserção da História da Educação no contexto educacional brasileiro hoje. Para tanto passamos pela situação da pesquisa na referida Área em três períodos: antes de 1980, durante os anos 1980 e nos anos 1990. Os Núcleos de Pesquisa da área, sua importância para a pesquisa também são levados em consideração no presente estudo. Em diversas localidades e em acordo com cada especificidade regional os Núcleos de Pesquisa dedicam-se a catalogação de fontes de pesquisa possibilitando um trabalho profissionalizado quanto ao estudo da História da Educação, além de possibilitar aos Historiadores do futuro acesso aos arquivos preservados, desse nosso passado educacional ora em estudo.

Palavras-chave: História da Educação; Historiografia; Núcleos de Pesquisa.

ABSTRACT

The objective of this work is to discuss the insertion of History of Education in the current Brazilian educational context. As such, we situate the research in this area in three periods: before 1980, during the 1980's and in the 1990's. Research centers in this area and their importance for research are also taken into consideration in this study. In diverse locations and in accordance with specific regional characteristics, Research Centers are dedicated to cataloging sources of research, making professional work possible regarding the study of the History of Education. Additionally, they allow future historians access to archives of our educational past, now under study.

Key words: History of Education, Historiography, Research Centers

* Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, pesquisador do "Núcleo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação Brasileira", órgão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida Instituição (gifilho@ufu.br).

Introdução

Pretendemos, neste texto, discutir a situação da História da Educação no contexto educacional brasileiro hoje. Para tanto começaremos por caracterizar os termos História, Historiografia, História da Educação e Pedagogia. O primeiro (História) pode ser entendido como os processos da existência e da vida real dos homens. vale dizer, história real, concreta, onde os homens, os seres humanos, produzem suas condições de subsistência. É a denominada História como *Rerum Gestae*. Também podemos entender a História como o estudo, a pesquisa, o relato estruturado dos referidos processos da condição da vida humana, isto é, a história como modalidade de produção de conhecimento sobre as coletividades humanas. Trata-se da História como *Rerum Gestarum*.

Por seu lado a Historiografia é a História da História, a epistemologia da História, ou seja, o estudo dos textos históricos. O estudo da maneira de se produzir os textos históricos, como se escreve a História, constituindo-se esta em matéria-prima para a Historiografia. A História da Educação estuda as tramas objetivas criadas pelos homens no trabalho sistemático de transmissão de vários tipos de conhecimento, valores, etc. É um estudo científico e exposição dessas tramas (WARDE, 1990).

A Educação pode ser entendida como um processo social comum a todas as comunidades humanas, cada uma delas guardando suas especificidades. Ela é responsável por formar pessoas aptas a viver em sociedade, o que não significa apenas moldar as pessoas para o convívio social, mas instrumentalizá-las para mudarem suas vidas e para atuarem socialmente, aperfeiçoando a sociedade em que vivem:

Nas sociedades mais complexas, e principalmente nos países da época moderna, a educação tem relevância especial, pois torna-se cada vez mais importante garantir e sistematizar o acesso dos indivíduos às múltiplas informações e códigos de ação que a participação na vida social envolve. A noção mesma de desenvolvimento da sociedade está associada mais diretamente à idéia de assimilação de determinados conhecimentos e princípios [...] (Nova enciclopédia ilustrada da Folha, p. 284).

A Educação é feita sempre com a inserção de graus variados de reflexão teórica. Dessa maneira, a Pedagogia - enquanto teoria da Educação - não se desliga da própria Educação, o que implica compreender a História da Educação como História da Educação e da Pedagogia, que pode ser vista no plano das políticas educacionais e no plano das construções didático-pedagógicas.

As construções didático-pedagógicas produzem o trabalho prático e as teorizações das classes sociais quanto ao fazer pedagógico nas escolas, onde se dá a relação educação e sociedade, onde os projetos hegemônicos implementam suas construções didáticas e pedagógicas. O plano das políticas educacionais é onde ocorrem as relações entre Estado e sociedade e onde são engendrados projetos diversos de educação pelas

diversas classes sociais, evidentemente que os projetos das classes hegemônicas prevalecem sobre os demais, uma vez que elas ditam as leis e normas educacionais a serem seguidas por toda a sociedade (GHIRALDELLI JR, 1990, p. 11).

Definidos os campos de atuação de cada uma das disciplinas que se complementam no “quefazer” da História e da Historiografia da Educação, bem como da Educação e da Pedagogia, cabe agora estreitar os seus laços. Mirian Jorge Warde recomenda a dissolução das fronteiras que separam a História da História da Educação:

Sem a negação epistemológica dessas fronteiras, desconfio não serem largos nem profundos os avanços que na História da Educação Brasileira possam ser realizados. Ao manterem a porta da frente fechada a “influências indêbitas”, em nome do resguardo à intimidade das “coisas da educação” (da escola, por certo), os estudos relativos à nossa História da Educação tendem a ser assaltados, pela porta dos fundos, pelas mais diversas formas de pensamento (históricos ou não); depois disso, desacorçoados, só lhes resta pedir aos vilões que protejam suas intimidades (WARDE, 1990, p. 7).

Por seu lado, o renomado historiador Carlos Guilherme Motta (1975) entende que, enquanto a História do Brasil caminhava em direção a constituir-se enquanto Ciência da História, a História da Educação tomava o caminho inverso, o de converter-se em uma disciplina de caráter utilitário e atendendo a objetivos de interpretar e explicar os processos históricos objetivos visando obter justificativas para o presente. Lembremos a data do referido escrito e estaremos situando a gravidade da afirmação.

Seguindo essa pista Mirian Jorge Warde depois de proceder a uma avaliação parcial dos trabalhos de pós-graduação, afirma que parcela considerável deles dedicaram espaço à nossa História da Educação através da utilização de fontes secundárias, com a predominância dos estudos antecedentes, isto é, a História é chamada para justificar algo. Recuam a períodos históricos passados com o objetivo de mostrar que o presente tem o contorno atual devido ao fato de o passado ter sido o que foi. Segundo a autora, em período mais recente (anos 1980), um pequeno número de trabalhos de pós-graduação (8%) dedicava-se integralmente ao estudo histórico da Educação Brasileira, a temas estruturais e desencadeavam uma crítica corrosiva de conceitos, categorias, personalidades. Coincidiu a emergência desses trabalhos com a incidência de menor número de títulos referidos à História da Educação todavia, com melhor qualidade (WARDE, 1990, pp. 9-10). Assim, começava a haver alguma preocupação diferente apenas do relato dos acontecimentos. Tratava-se de produzir uma história onde o sujeito da investigação mostrasse sua presença.

Um texto de Dermeval SAVIANI (1985), cuja primeira edição é de meados dos anos 1970, apesar de entender que a Educação ficaria subsumida no termo História (em História da Educação), ainda assim, percebe ele, tal História não estaria mais bem caracterizada uma vez que seria uma mescla de acontecimentos gerais com desfiar de

doutrinas pedagógicas descontextualizadas. Seu programa (enquanto disciplina curricular) traria em si um ecletismo de tal ordem a cobrir as instituições educacionais e doutrinas pedagógicas desde o período clássico até a época contemporânea. Propunha o referido autor uma perspectiva de saída do impasse, os docentes deveriam propor seminários, grupos de estudos que permitissem sair da situação então vigente.

A produção de textos de História da Educação nos anos 1980 parece ter sido influenciada pelos textos acima referidos e, segundo Miriam Warde supra citada, em que pese ter diminuído em quantidade, em termos qualitativos houve ganhos substantivos. Além disso, muitos cursos de pós-graduação foram criados no período em pauta e estão se consolidando. Muitos deles com a disciplina e com pesquisadores dedicados à investigação histórica.

Os anos 1990 parecem apontar para a necessidade dos pesquisadores, se não abandonar, ao menos minimizar, as análises de fontes secundárias para centrar a pesquisa na produção de fontes, na descoberta ou mesmo geração de fenômenos, de objetos para a História da Educação. Assim sendo, a criação de núcleos dedicados à atividade de "garimpar" as fontes num *locus* privilegiado por ser onde ocorre o fenômeno educativo, qual seja, as escolas (sem adjetivos) parece-nos muito promissora produzindo catálogos que mapeiem a existência e localização do material objeto de investigação.

A História das Instituições Educacionais, tem ocupado cada vez mais espaço no cenário da pesquisa histórico-educacional, em todo o ocidente e no Brasil, em particular, ainda que com diversas dificuldades, devido à inexistência de repertórios de fontes organizados, alguns historiadores e educadores têm-se lançado à tarefa de historiar a educação escolar brasileira, através da construção de interpretações acerca das principais instituições educativas espalhadas pelas diversas regiões brasileiras.

As interpretações têm seguido um roteiro de pesquisa no qual se destacam as preocupações com a criação e o desenvolvimento (ciclo de vida) das instituições educativas, a arquitetura do prédio escolar, os docentes, os discentes e o saber veiculado nestas instituições de ensino. Busca-se a apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido singular no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ele tenha se transformado no decorrer dos tempos.

A Historiografia da Educação

O campo da pesquisa histórica passou, ao longo das últimas décadas por um intenso processo de renovação teórico-metodológica. Impulsionado pelo esforço de superação de uma historiografia que, numa de suas formas dominantes, produzia uma descrição dos fatos eminentemente políticos, construída sob os auspícios da tradição positivista; e, em outra de suas modalidades, fomentava uma narrativa carregada de análises que privilegiavam os aspectos econômicos da vida social, em detrimento de outras esferas da produção do social. A produção historiográfica da atualidade tem demonstrado uma tendência de valorização das temáticas relacionadas às formas culturais produzidas no processo de construção da vida social dos povos. Valorizando cada vez mais os estudos

sobre os aspectos específicos de cada processo social particular, a singularidade passa a ser temática presente na historiografia contemporânea.

Pesquisadores de origem inglesa e francesa refletindo acerca dos estudos históricos recentes produziram correntes e tendências historiográficas diversas. Como resultado desse trabalho pode-se perceber o rompimento com um passado específico e a geração de uma nova maneira de fazer História bem mais ampla do que aquela preconizada pela História Tradicional. Não apenas inauguraram, sob muitos aspectos, uma historiografia crítica e mais abrangente, como ainda somaram às tradicionais questões econômicas, questões culturais. Perceberam que o ser social e sua vivência precisam ser compreendidos em sua complexidade e, tendo criticado as análises que propunham um recorte marcadamente macro-social, atribuíram grande importância às singularidades e particularidades sociais.

A historiografia francesa produziu grandes obras e teóricos ao longo do século XX, mas sua renovação deu-se com a *Escola dos Annales*. Os historiadores franceses produziram uma nova maneira de fazer História rompendo com a historiografia tradicional de orientação rankeana, ou seja, positivista, adicionando à sua tradição em conservar e organizar fontes documentais um empreendimento na coleta, na classificação e na disponibilização ao público de novos e diversificados modos de fazer História lançando mão de testemunhos orais, da iconografia, além de se debruçarem sobre novas temáticas tais como História das mentalidades, Cultura, processos educacionais particulares, intelectuais, política, economia, dentre outros.

A *Escola dos Annales* surgiu nos anos 1920 na França e começou por criticar a História fatural. Mas os *Annales* são, antes de mais nada, uma revista que começa a sair em 1929 e que vai ter como pivô uma interdisciplinaridade. O interesse dos seus autores, pesquisadores em trabalharem não só com a História mas com outros elementos, a Geografia, por exemplo, terá muita importância para eles. Suas negociações interdisciplinares com as Ciências Sociais, com a História, com a Filosofia, eventualmente com as Letras e a Linguística parecem afastá-la da Geografia, no entanto ela possui certos elementos - como a dimensão do tempo conferido, de muito mais longa dimensão, na Morfologia da Terra, por exemplo, do que o tempo utilizado na História - que produziram um impacto muito forte sobre os *Annales*, infletindo o grupo num dos pontos cruciais deles, o interesse de longo prazo.

A crítica dos *Annales* ao fatural é tão dura que eles têm dificuldades em lidar com as grandes datas, especialmente as revolucionárias. O que pode induzir a opinião de que o alvo deles é o marxismo ou a esquerda, mas não é. Eles fazem uma crítica às grandes datas da História Monárquica e, por via de consequência, criticam essa idéia do dia que muda o mundo, a idéia de Revolução, mas, não nos esqueçamos que a primeira crítica é à História solene, tradicional, o que os aproxima do marxismo.

Essas regularidades levam os *Annales* a dar grande importância a aquilo que é regular, que permite medir um longo tempo. Isso diz respeito à demografia. Os historiadores dos *Annales* estão associados, para nós, a esse trabalhos que fazem muito sucesso especialmente para o público leigo, que são as histórias das mentalidades.

Mas nada disso seria possível sem um trabalho primeiro, trabalho pesado da História demográfica, da História da produção econômica, etc. História demográfica significa

pesquisas em arquivos acerca de nascimentos e mortes, saber quantas pessoas nasciam, quantas morriam, quais as taxas de mortalidade, quanta mortalidade endêmica ocorria na França até metade do século XVIII, quando se equaciona o problema da fome como fator de mortalidade maciça naquele país.

Estudar isso significa proceder a um trabalho de pesquisa demográfica extremamente minucioso que remete à produção, sobretudo de alimentos. Parece óbvio que quando a produção de alimentos aumenta diminui a mortalidade e inversamente. E é somente a partir daí que eles se debruçam sobre uma outra regularidade, que é a regularidade das mentalidades. É uma terceira regularidade se pensarmos a primeira como a da demografia e a segunda a das curvas de produção. Temos também o estudo das mentalidades, a grande contribuição dos *Annales*, seriam regularidades mentais que constatamos entre as pessoas.

Os dois grandes autores do movimento são Lucien Febvre e Marc Bloch. Sobre o assunto dispomos de uma importante tradução brasileira que saiu quase simultaneamente ao lançamento da obra original na Inglaterra, do historiador inglês Peter Burke (1991) *A Escola dos Annales* editada pela UNESP (Universidade Estadual Paulista).

Então as mentalidades não são idéias porque elas cobrem um campo muito mais amplo, muito menos intelectualizado. Podemos falar da mentalidade dos analfabetos, da mentalidade dos setores de uma sociedade, mesmo os pouco escolarizados. Isso faz parte dessa crítica que operam os nossos autores dos *Annales* ao grande, ao gênio, ao demiurgo. Quer dizer, toda e qualquer História que dê um papel muito importante ao gênio, ao grande homem, ao causador de alguma coisa, está fora do trabalho dos *Annales* que, ao contrário, se faz contra isso.

Os *Annales* são extremamente meticolosos no sentido de evitar ligar seu trabalho à Economia. Apesar de pesquisarem regularidades econômicas e regularidades mentais, eles não estabelecem causalidade.

Dessa forma, a visão tradicional de documento histórico foi ampliada. A idéia da confiabilidade do documento oficial foi questionada e, assim, expandiu-se a possibilidade do fazer histórico. Aquela perspectiva da causalidade simples deu lugar a novas possibilidades de interpretação. O grande acontecimento, quase sempre relativo aos feitos dos grandes heróis nacionais cedeu lugar a eventos particulares, locais, mas também universais. Pois, o local também pode ser universal, se considerarmos o valor das obras de Jorge Amado, que tratam de sua Bahia, suas histórias acontecidas ou inventadas e que podem ser incluídas entre as obras clássicas da literatura universal.

A Nova História e a História Cultural, em que pese serem herdeiras dos *Annales*, diferem bastante desses, pois, surgiram num momento de desencantamento do mundo. Num momento em que as grandes utopias e a perspectiva de uma solução de totalidade para o mundo mostravam-se desanimadoras. A Revolução Soviética e o socialismo então denominado real pareciam levar o mundo a um caminho sem saída, a um beco na História. O prenúncio da queda do muro de Berlim e suas derivações apontavam no horizonte. Nessas perspectivas a Nova História dedica-se ao descontinuo, ao segmentado e, por que não dizer, ao fragmentário. Uma boa análise referente ao assunto é *História em Migalhas* de François Dosse (1994).

A História Cultural é marcada por um corte sociológico

Aproximando-se cada vez mais de um ângulo de análise interdisciplinar que conta com aproximações principalmente da Antropologia, com marcante influência das idéias de antropólogos como Geertz ou Sahlins. Esta tendência à especialização na história francesa parece ser inevitável, sendo que a segmentação dos campos de análise é, sem dúvida, sua grande característica (GATTI JÚNIOR, 2000, p. 137).

Como exemplos de historiadores ingleses podem ser citados E. P. Thompson, Stedman Jones, Raymond Williams, Eric Hobsbawm, Peter Burke e Christopher Hill. Inauguraram uma historiografia crítica e abrangente, ao mesmo tempo preocupada com as questões sociais, econômicas e culturais, mas criticando o que Hobsbawm denominou “marxismo vulgar” uma simplificação do marxismo cuja visão mecanicista da História nada fica a dever ao que tanto foi criticado por Marx acerca do fazer história positivista

Perceberam que o ser social e sua vivência precisam ser compreendidos em sua complexidade e criticaram análises que preconizavam um recorte compreensivo marcadamente macro-social; ou seja, atribuíram grande importância às singularidades e particularidades sociais (GATTI JÚNIOR, 2000, p. 138).

Thompson rompeu com a leitura da história a partir da simplificação estrutura/superestrutura que atando as mãos dos historiadores impedia-os de manusear as informações disponíveis segundo uma teoria que entendessem as categorias como historicamente determinadas. Tudo estaria amarrado ao condicionamento mecânico referido (INÁCIO FILHO, 2003, pp. 118-122). Raymond Williams tratou criteriosamente os conceitos de cultura, língua, literatura, hegemonia, ideologia e teoria cultural entendendo-os na sua historicidade, a partir de suas leituras de clássicos como o próprio Marx, Gramsci, Lukács, Vygotsky e Bakhtin.

Seguindo a trilha aberta pelo marxismo inglês e seus desdobramentos Carlo Ginzburg (paradigma indiciário) na Itália, Lynn Hunt e Robert Darnton nos Estados Unidos produziram importantes obras e estudos culturais de base marxista sob a nova perspectiva, isto é, tomam os trabalhos de Raymond Williams e E. P. Thompson como referência.

A História da Educação, especialmente aquela produzida no Brasil era, até então, em grande medida, tributária de uma análise social simplificadora e pobre em termos de consulta a materiais históricos fundamentais (fontes primárias e secundárias), influenciada, quase sempre, por modelos de análise social pouco afeitos ao trabalho com as singularidades e especificidades contidas nas mais diversas organizações sociais, bem como, análises por demais distantes de abordagens que levem em conta a dimensão cultural própria dessas organizações.

Isso começou a mudar nos anos 1980, como veremos a seguir.

Os Núcleos de Pesquisa

Os debates sobre Historiografia da Educação no Brasil são bem recentes tendo surgido quando apareceram estudos sobre a produção no campo educacional como resultado da complexificação da pesquisa em Educação resultante da criação e da consolidação dos programas de pós-graduação da área em tela, o que se deu no decorrer dos anos setenta do século XX. Um marco é o artigo de Aparecida J. Gouveia (1971) publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, mesmo ano da realização do *Encontro Internacional de Estudos Brasileiros* ocorrido na Universidade de São Paulo (USP), no interior do qual ocorreu o primeiro debate sistematizado sobre História da Educação no Brasil, coordenado por Laerte Ramos de Carvalho e que possibilitou o artigo *A Educação Brasileira e sua periodização*.

Em 1984, sob os auspícios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) aconteceu o *Seminário Sobre Historiografia da Educação*, pois, a direção do órgão realizador entendia que existiam lacunas consideráveis na História da Educação face ao desenvolvimento da Historiografia Contemporânea do Brasil e na verificação de que o desconhecimento da área comprometia a formação de educadores (LOMBARDI, 1999, pp. 7-32).

Um dos resultados do referido seminário foi a publicação de um número especial da revista *Em Aberto*, dedicado à História da Educação Brasileira com importantes contribuições de Miriam Jorge Warde, Luiz Antônio Cunha e Jorge Nagle.

Na VI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação (ANPEd) realizado em Brasília em 1984 foi criado o Grupo de Trabalho (GT) em História da Educação, cuja primeira coordenadora foi a professora dra. Ester Buffa.

A IX Reunião Anual da ANPEd deu-se no Rio de Janeiro e o GT da área considerou atividades prioritárias para o biênio 1986/1987 "o estudo das questões teórico-metodológicas de pesquisa em História da Educação no Brasil" (ANPEd, Anais da IX Reunião Anual. Rio de Janeiro: UERJ, 1986. Relatório do GT de História da Educação). Isso encorajou a criação do grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) aglutinando um grupo de orientandos do professor dr. Dermeval Saviani cujos objetivos iniciais foram

[...] sistematizar o processo de elaboração das teses de doutoramento, buscando com isso potencializar quantitativa e qualitativamente a sua produção intelectual. A partir de 1991, à medida que os doutorandos foram concluindo suas teses decidiu-se pela constituição de um grupo de estudos e pesquisas com uma proposta coletiva de trabalho. A transformação do grupo de orientandos em coletivo de pesquisa foi enriquecida pela participação de outros professores da Faculdade de Educação da UNICAMP e de outras instituições universitárias (LOMBARDI, 1999, pp. 10-11).

A Universidade Federal Fluminense (UFF) sediou o I Encontro Nacional de Núcleos de Pesquisa e Documentação em História da Educação Regional, em dezembro de 1988. Ficou registrado no documento final a insuficiência do debate acerca de questões teórico-metodológicas pelos historiadores da educação e pelos historiadores em geral. O professor Ciro Flamarion S. Cardoso deixou registrada uma manifestação acerca dessa insuficiência de análise no campo da História:

A reflexão coletiva [...] indicou a atualidade de nossas preocupações ao nos debruçarmos sobre a polemica entre Nouvelle Histoire e as tendências analíticas, sobre a articulação entre as medidas de tempo diferentes, questões essas de cunho teórico-metodológico ainda insuficientemente trabalhadas não só pelos historiadores em educação, mas também pela historiografia mais geral.

Ficou ainda registrada a necessidade de pesquisas que contribuíssem para a formulação de novas metodologias; a busca de novas fontes de pesquisa em educação e a insuficiência teórica com que se tem trabalhado a articulação entre o nacional e o regional, o particular e o geral, enquanto totalidades combinadas e articuladas (LOMBARDI, 1999, p. 12).

A revista *Em Aberto* dedicou, em 1990, novo número à História da Educação. Nessa publicação do INEP ocorreu um importante balanço da historiografia da educação brasileira, especialmente dos principais fundamentos teórico-metodológicos e do debate encetado no âmbito da historiografia educacional, trazendo textos de Clarice Nunes, Eliane Marta T. Lopes, Ester Buffa, Guacira Lopes Louro e Mirian Jorge Warde.

Ali são debatidos temas de grande interesse como a necessidade de nova postura na produção do conhecimento histórico, a defesa da nova história, novos objetos, novas abordagens, novos problemas, novas contribuições. A história oral e os estudos de gênero também se fizeram presentes.

A UNICAMP sediou em 1991, em duas versões (maio e setembro) o I Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) com o tema *Perspectivas Metodológicas da investigação em História da Educação*. A maioria dos textos deixaram de ser publicados, apenas o de Ciro Flamarion S. Cardoso intitulado *Paradigmas rivais no historiografia atual* foi publicado pela revista *Educação e Sociedade* em 1994.

Em abril de 1992 a UNICAMP promoveu o II Seminário HISTEDBR e o tema foi *Fontes Primárias e Secundárias em História da Educação Brasileira*. O objetivo era dar prosseguimento ao debate sobre as principais correntes metodológicas da investigação histórica e conhecer os principais trabalhos então realizados sobre fontes da Educação Brasileira bem como os catálogos e relatórios resultantes. Gilberto Alves apresentou a pesquisa *Catálogo Bibliográfico da educação sulmatogrossense*, Clarice Nunes o *Guia preliminar de fontes para a História da Educação Brasileira* e Miriam Warde discorreu sobre a *Crítica Espistemológica da Historiografia Educacional*

Brasileira, mas os anais não foram publicados.

O INEP promoveu em 1994 o Seminário História da Educação Brasileira: a ótica dos pesquisadores. O conjunto das conferências e dos trabalhos apresentados estão publicados em dois volumes da *Série Documental: Eventos* (vol. 5). São eles: *Memória Escolar* de Maria do Amparo Borges Ferro; *Por uma história oral da Educação no Brasil: alguns apontamentos* de Eiza Nadai; *Tendências teórico-metodológicas em História da Educação* de Eliane Marta T. Lopes; *A história oral e pesquisa de gênero* de Guacira Lopes Louro; *Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais* de Zeila M. Brito Fabri Demartini e *O cipoal das letras: entre olhares, recortes e construções de Antropologia e História no contexto de uma pesquisa sobre leitura* de Tânia Dauster.

A partir daí as publicações teóricas se avolumaram tendo sido publicado na *Série Documental: Eventos* (vol. 6, 1995) quinze textos variados e de importantes autores da área, frutos de comunicações, conferências, workshops, mesas-redondas e depoimentos. O III Seminário HISTEDBR (novembro de 1995) na UNICAMP produziu 86 comunicações, científicas e o IV Seminário HISTEDBR (dezembro de 1996) teve 102 trabalhos apresentados.

Segundo José Claudinei Lombardi (1999, pp. 15-16)

[...] os grupos de trabalho vinculados ao HISTEDBR vêm afinando o exame das fontes de forma a configurar alguns recortes temáticos, tais como educação e partidos políticos, escola pública e o estudo das escolas nos séculos XIX e XX. Há indicações, ainda, de que os temas predominantes giram em torno da escola pública, estudada sob os aspectos das relações entre modernidade e educação e das relações entre oralidade e escrita.

Como decorrência do que foi dito anteriormente foi elaborado um projeto de levantamento de fontes para o estudo da História da Educação, com abrangência nacional, centrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mais de duas dezenas de Estados estiveram inicialmente representados com grupos de pesquisadores que durante algum tempo (cerca de três anos) levantaram o material referido em regiões determinadas das unidades da federação. Hoje, são cerca de trinta e cinco núcleos de Pesquisa em História e Historiografia da Educação ligados pela rede HISTEDBR.

Nosso grupo ocupou-se da micro-região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, pretendendo inicialmente cobrir oito cidades, nas quais havia pelo menos uma faculdade. Contudo, como decorrência dos poucos recursos obtidos junto às agências de fomento (embora os mesmos tenham sido fundamentais na execução do projeto), deliberamos por centrar nossos esforços nas três maiores cidades: Uberlândia, Uberaba e Araguari, sendo as duas primeiras sedes de universidades.

Naquela fase inicial, confeccionar um catálogo de fontes foi o principal objetivo a ser atingido pela equipe, que contou com a valiosa colaboração de cinco bolsistas de iniciação científica.

Apesar do trabalho ter sido realizado apenas nas três referidas cidades, mantemos o projeto de abranger também as outras: Patos de Minas, Ituiutaba, Araxá, Patrocínio e Monte Carmelo, pois, um catálogo mais abrangente servirá para subsidiar os interessados na pesquisa histórico-educacional da região. Além disso o referido produto atenderá às necessidades advindas dos estudos desenvolvidos na "Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira" da própria Universidade Federal de Uberlândia-MG (UFU), no qual foi inserida a linha de pesquisa voltada para a problemática da "História e Historiografia da Educação Brasileira".

Acreditamos que o trabalho de investigação histórica necessita menos de "livre atiradores" - pesquisadores isolados - e mais de esforços coletivos de investigação que envolvam docentes da Universidade, bolsistas de Iniciação Científica, de Aperfeiçoamento, mestrandos e doutorandos, de modo a facilitar o acúmulo de informações no referido campo, tornando-o mais especializado e até mesmo mais profissionalizado. Dessa forma pensamos que os processos de titulação acadêmica têm se tornado mais rápidos e alcançado um grau de objetividade bem maior que num passado recente.

Nossos bolsistas, a maioria sediados em Uberlândia, oriundos dos cursos de graduação em História, Letras e Pedagogia da própria UFU, trabalham na produção de textos de História dos principais colégios desta cidade, bem como na digitação e armazenamento das fichas de catalogação das fontes. Para tanto temos promovido intenso debate sobre historiografia com o objetivo de se familiarizarem com as ferramentas básicas da pesquisa histórica. No interior dos Simpósios sobre História da Educação temos convidado historiadores e memorialistas da região para exporem seus trabalhos, o que tem propiciado um intercâmbio de muito bom nível e com excelentes resultados para nossos alunos e para nós próprios quanto ao direcionamento de nossos trabalhos de pesquisa. As reuniões ocorrem mensalmente e tivemos o cuidado de possibilitar o envolvimento dos alunos de graduação tanto dos turnos diurnos quanto noturnos, variando os dias da semana, bem como os horários e turnos.

Dessa maneira, o objetivo inicial de mero levantamento de fontes para a produção de catálogo foi alargada para a construção de interpretações sobre a evolução dos principais e mais antigos colégios da cidade de Uberlândia. Pois

[...] a História Local tem conquistado um espaço cada vez maior na discussão acadêmica como disciplina dos cursos de História e sua produção se faz crescente em quantidade e qualidade na Historiografia Brasileira, através de monografias, teses e dissertações (RODRIGUES, 1996, p. 2).

Nosso projeto bem como o seu desenvolvimento beneficiou-se do afluxo de pesquisadores qualificados e atentos às novas tendências da pesquisa histórica, nas quais as especificidades e singularidades regionais ou mesmo locais, passaram a merecer a sua atenção, quanto ao interesse e estímulo institucional para que a iniciação à pesquisa ainda na graduação seja uma realidade.

satisfatórias e quais não, e saber se a questão que investiga é original ou não, favorecendo sua contribuição efetiva e evitando que repita, desnecessariamente, pesquisas que chegaram a bom termo. A menos, torna-se dispensável dizer, que haja pendências acerca dos resultados.

O nosso grupo vem encetando algumas tentativas de estudar o fenômeno educativo sob diversos aspectos (Cf. INACIO FILHO e outros 1983, 1990a 1990b), sempre integrando alunos e ex-alunos de graduação. Dessa maneira, a pesquisa deixa de ser algo estranho ao ensino, para chegarmos ao século XIX da Universidade alemã, que propôs a interação ensino/pesquisa. Se, de um lado só se aprende pesquisar pesquisando, só ensina pesquisar quem pesquisa. De outra forma tornar-se-ia mais uma evocação abstrata como a dos professores que ensinam Métodos e Técnicas de Pesquisa sem jamais terem elaborado ou posto em andamento um projeto de pesquisa.

Todavia é preciso deixar claro que não pretendemos, com o que aqui vai dito, ignorar o importante papel desempenhado pela teoria na investigação científica, aliás, o trabalho desempenhado junto aos nossos bolsistas atesta a veracidade dessa informação.

Considerações finais

Diversos congressos - dentre eles o Luso Brasileiro de História da Educação tendo já quatro edições, o Iberoamericano de História da Educação Latino Americana na sua sexta edição e aquele organizado pela Sociedade Brasileira de História da Educação cuja terceira edição ocorrerá no ano de 2004, em Curitiba, o Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais cuja segunda edição ocorreu no mês de maio do ano em curso na cidade de Uberlândia-MG, além da ANPEd, da ANPUH (Associação Nacional de História) e do EPECO (Encontro de Pesquisa em Educação do Centro Oeste) - têm sido os fóruns privilegiados para a veiculação da produção histórica e historiográfica da área.

Os temas têm sido os mais diversos: cotidiano escolar, instituições (públicas e privadas, laicas e confessionais), imprensa, legislação, pensamento pedagógico, livros e cadernos escolares, formação do educador dentre outros.

Os trabalhos dos Núcleos de Pesquisa em História e Historiografia da Educação muito têm contribuído para superar a lacuna existente, sobretudo, para reescrever a História da Educação Brasileira, saindo do tradicional eixo Rio-São Paulo. Efetivamente teremos, num futuro bem próximo, a possibilidade de (re)escrever a História da Educação Brasileira ou no Brasil, considerando a dimensão continental desse país e levando ainda em conta as particularidades existentes, antes desconsideradas.

A investigação dos Núcleos ligados à rede HISTEDBR compreende também a montagem de alguns instrumentos de pesquisa úteis e necessários para a própria investigação e que estão sendo paulatinamente colocados à disposição de outros pesquisadores, quer através de acervo de fontes em forma de livros, disponibilizados pela internet (num futuro próximo), acervo gravado transcrito e arquivado eletronicamente de depoimentos orais de antigos docentes, administradores escolares e estudantes; acervo de periódicos regionais ligados à temática educacional, notícias e anúncios veiculados pela imprensa comum, formação do educador em períodos

passados (séculos XIX e XX).

Deve ser lembrada aqui a precariedade dos dados encontrados nas Superintendências Regionais de Ensino, que significam falta de preparo e de preocupação com a atividade arquivística e com a própria informação, fundamental não apenas para os estudos historiográficos como também para o planejamento educacional. Os referidos problemas, com as devidas exceções, estendem-se à forma de armazenamento, encontrando-se diversos acervos apodrecendo em caixas velhas no interior de salas e porões úmidos, o que torna ainda mais penosa a tarefa de pesquisar.

Mas, em diversas localidades e em acordo com cada especificidade regional os Núcleos de Pesquisa vão encontrando soluções criativas de modo a garantir aos Historiadores da Educação poderem contar no futuro com a possibilidade de acesso aos arquivos preservados, desse nosso passado educacional ora em estudo e até mesmo do que vivenciamos no presente.

Em que pese ser curta a História dos Núcleos de Investigação em História da Educação os frutos de seu trabalho já se fazem presentes e esperamos, efetivamente, contribuir com a compreensão de nossa História no que respeita às atividades educacionais, para que as gerações futuras possam saber como estudaram nossos avós, nossos pais e mesmo nossa geração.

Para tanto diversos periódicos e livros têm sido publicados para divulgação dos trabalhos na História da Educação. Alguns poucos exemplos podem ser encontrados na bibliografia ao final do presente texto.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, G. L. (2001). Nacional e Regional na História Educacional Brasileira: uma análise sob a ótica dos Estados Mato-Grossenses. In: **Educação Brasileira, história e historiografia**. Campinas: Autores Associados/SBHE, pp. 163-188.
- ALVES, G. L. & GALINARI, L. A. (1988). **Catálogo bibliográfico da educação sul-matogrossense**. Campo Grande: UFMS.
- ARAÚJO, J. C. & GATTI JR., D. (2002). **Novos temas em História da Educação; instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas/Uberlândia: Autores Associados: EdUFU.
- BATISTA, A. A. G. (2002). Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, Campinas: Autores Associados/Anped, pp. 27-47, maio-ago.
- BUFFA, E. (1990). Contribuição da História para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em Aberto**, n. 47, pp. 13-19, Brasília, jul-set.

passados (séculos XIX e XX).

Deve ser lembrada aqui a precariedade dos dados encontrados nas Superintendências Regionais de Ensino, que significam falta de preparo e de preocupação com a atividade arquivística e com a própria informação, fundamental não apenas para os estudos historiográficos como também para o planejamento educacional. Os referidos problemas, com as devidas exceções, estendem-se à forma de armazenamento, encontrando-se diversos acervos apodrecendo em caixas velhas no interior de salas e porões úmidos, o que torna ainda mais penosa a tarefa de pesquisar.

Mas, em diversas localidades e em acordo com cada especificidade regional os Núcleos de Pesquisa vão encontrando soluções criativas de modo a garantir aos Historiadores da Educação poderem contar no futuro com a possibilidade de acesso aos arquivos preservados, desse nosso passado educacional ora em estudo e até mesmo do que vivenciamos no presente.

Em que pese ser curta a História dos Núcleos de Investigação em História da Educação os frutos de seu trabalho já se fazem presentes e esperamos, efetivamente, contribuir com a compreensão de nossa História no que respeita às atividades educacionais, para que as gerações futuras possam saber como estudaram nossos avós, nossos pais e mesmo nossa geração.

Para tanto diversos periódicos e livros têm sido publicados para divulgação dos trabalhos na História da Educação. Alguns poucos exemplos podem ser encontrados na bibliografia ao final do presente texto.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, G. L. (2001). Nacional e Regional na História Educacional Brasileira: uma análise sob a ótica dos Estados Mato-Grossenses. In: **Educação Brasileira, história e historiografia**. Campinas: Autores Associados/SBHE, pp. 163-188.
- ALVES, G. L. & GALINARI, L. A. (1988). **Catálogo bibliográfico da educação sul-matogrossense**. Campo Grande: UFMS.
- ARAÚJO, J. C. & GATTI JR., D. (2002). **Novos temas em História da Educação; instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas/Uberlândia: Autores Associados: EdUFU.
- BATISTA, A. A. G. (2002). Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, Campinas: Autores Associados/Anped, pp. 27-47, maio-ago.
- BUFFA, E. (1990). Contribuição da História para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em Aberto**, n. 47, pp. 13-19, Brasília, jul-set.

- CARDOSO, C. F. S. (1994). Paradigmas rivais na historiografia atual. **Educação e Sociedade**, n. 47, pp. 61-72, abr.
- CAMARA BASTOS, M. H. (2000). Ferdinand Buisson no Brasil: pistas, vestígios e sinais de suas idéias pedagógicas (1870-1900). **História da Educação**, n. 8, Pelotas: UFPel, pp. 79-109.
- CARVALHO, C. H. (2002). Os discursos educacionais presentes na Imprensa Uberlandense (1920-1950). **Cadernos de História da Educação**, n. 01, Uberlândia: EdUFU, pp. 19-24.
- CARVALHO, L. R. (2001). A Educação Brasileira e a sua periodização. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 02, Campinas: Autores Associados/SBHE, pp.137-153, jul-dez.
- CARVALHO, M. M. C. (1994). Uso do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). **Cadernos Anped**, n.7, Belo Horizonte: Anped, pp. 41-60, dez.
- CUNHA, L. A (1984). Diretrizes para o estudo histórico do ensino superior no Brasil. **Em Aberto**, n. 23, pp. 6-26, Brasília, set-out.
- DEMARTINI, Z. de B. F. (1984). **Velhos mestres das novas escolas**; um estudo das memórias de professores da Primeira República em São Paulo. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).
- DOSSE, F. (1994). **A História em migalhas**: dos Annales à Nova História. Trad. Dulce A. S. Ramos. 3ed São Paulo: Ensaio/Campinas: EdUNICAMP.
- ESPÍNDOLA, A. L. (1997). A alfabetização em Mato Grosso do Sul 1983-1990. **interMeio** revista do mestrado em educação, n. 06, Campo Grande: Ed. UFMS, pp. 12-26.
- FARIA FILHO, L. M. (org.) (1999). **Pesquisa em História da Educação**: perspectivas de análise, objetos e fontes. Belo Horizonte: HG Edições.
- _____ (2000). **Dos pardieiros aos palácios**; cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF.
- FOLHA DE SÃO PAULO (1996). Nova enciclopédia ilustrada da folha. São Paulo, v1.

- GASPARELLO, A. M. (1999). **História e livro didático: a produção de um saber escolar.** In: FARIA FILHO, L. M. (org). **Pesquisa em História da Educação; perspectivas de análise, objetos e fontes.** Belo Horizonte: HG Edições, pp. 169-179.
- GATTI JR. (2002). Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das Instituições Escolares. **Cadernos de História da Educação**, n. 01, Uberlândia: Ed.UFU, pp. 29-31
- _____. (2000). Reflexões teóricas sobre a História das Instituições Educacionais. **Ícone**, vol. 6, n. 2, Uberlândia: UNIT, pp. 131-147.
- _____. e outros (1996). Fabricando interpretações: primeiros passos rumo à construção da história educacional do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. **Boletim do CDHIS**, 9(17): 2-3, Uberlândia: UFU.
- GHIRALDELLI JR, P. (1994). **Educação e Razão Histórica.** São Paulo: Cortez.
- _____. (1990). **História da Educação.** São Paulo: Cortez.
- _____. (1991). **Pedagogia e luta de classes no Brasil (1930-1937).** Ibitinga: Humanidades.
- _____. (1993). **Três estudos em historiografia da educação.** Ibitinga: Humanidades.
- GONÇALVES NETO, W. (1994). Estímulos e bases para a pesquisa histórica. **Boletim do CDHIS**, n. 11, p. 5, Uberlândia: UFU.
- GOUVEIA, A. J. (1971). A pesquisa educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, n. 122, pp. 209-241, Rio de Janeiro: INEP, abr-jun.
- INÁCIO FILHO, G. (2003). **A monografia na universidade.** 6ed Campinas: Papirus.
- INÁCIO FILHO, G. e outros (1983). **Universidade e Pesquisa: condições de pesquisa no Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia.** Uberlândia: Ed.UFU.
- JULIA, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 01, Campinas: Autores Associados, pp. 09-43, jan-jun.
- KNAUSS, P. (2001). Entre normas e conflitos o cotidiano escolar na documentação do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. In: **Educação no Brasil, história e historiografia.** Campinas: Autores Associados/SBHE, pp. 205-216.

- KREUTZ, L. (1997). Literatura escolar dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul: fonte inexplorada na História da Educação. In: CATINI, D. B. & CAMARA BASTOS, M. H. (orgs) **Educação em Revista** a imprensa periódica e a História da Educação, pp. 111-125.
- LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs) (1977). **Fazer História**. Trad. Maria E. Correa. Lisboa: Bertrand. 3vols.
- LIMA, S. C. F. (2002). O intelectual e a política. **Cadernos de História da Educação**, n. 01, Uberlândia: EdUFU, pp.93-96.
- LOMBARDI, J. C. (1999). Historiografia Educacional Brasileira e os Fundamentos Teórico-Metodológicos da História. In: LOMBARDI, J. C. (org.) (1999). **Pesquisa em Educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas/Çaçador: Autores Associados/UnC, pp. 7-32.
- LOPES, A. A. M. A e outros (2002). **História da Educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC.
- LOPES, E. M. T. (1986). **Perspectivas históricas da educação**. São Paulo: Atlas.
- _____ (1990). Uma contribuição da história para a história da educação. **Em Aberto**, n. 47, pp. 29-35, Brasília: INEP, jul-set.
- LOURO, G. L. (1990). A História (oral) da educação: algumas reflexões. **Em Aberto**, n. 47, pp. 21-28, Brasília: INEP, jul-set.
- MOTTA, C.G. (1975). A historiografia brasileira nos últimos quarenta anos; tentativa de avaliação crítica. **Debate e crítica**, n. 5, pp. 11-26, São Paulo, mar.
- NUNES, C. (1990a). Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira: reconstituição de uma experiência. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, n. 167, pp. 7-31, Brasília: INEP, jan-abr.
- _____ (1990b). História da Educação: espaço do desejo. **Em Aberto**, n. 47, pp. 37-45, Brasília: INPE, jul-set.
- PEIXOTO, A. M. C. (2001). A memória em Minas Gerais: entre o descarte e a preservação. In: **Educação no Brasil**, história e historiografia. Campinas: Autores Associados/SBHE, pp.189-204.
- REIS FILHO, C. R. (1998). **Índice básico da legislação do ensino paulista: 1890-1945**. Campinas: FE-UNICAMP.